

BIBLIOTECA
DO SENADO
FEDERAL

MANIFESTO
DA
SOCIEDADE BRASILEIRA
CONTRA
A ESCRAVIDÃO

V
326.981
M278
msb
1880

As Fideis de Rio Branco
o immortal autor da Lei de 28 de Setembro
de 1871,

Presiden
" MANIFESTO

28 de Setembro de 1871

DA

SOCIEDADE BRASILEIRA

CONTRA

A ESCRAVIDÃO.

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

no número 3338

ano de 1974



AO PAIZ

Ha trezentos annos que se celebrou o primeiro contracto para a introducção de Africanos no Brazil e ha trezentos annos que estamos existindo em virtude desse contracto. Lançada a escravidão nas bases da nossa nacionalidade como sua pedra fundamental, ainda hoje muitos acreditam que, destruido este alicerce, o edificio se abateria logo sobre todos. A superstição barbara e grosseira do trabalho escravo tornou-se, por tal fórma, o credo dos que o exploram, que não se póde ser aos olhos delles ao mesmo tempo Brasileiro e Abolicionista.

O máo senhor de escravos que os açoita cruelmente, ou autorisa os castigos infligidos a entes humanos para o fim tão sómente de augmentar a sua propria fortuna; o feitor irresponsavel que supplicia mulheres gravidas; os traficantes que enriquecem com o mercado de carne humana; os inumeros instrumentos das infinitas crueldades que reunidas chamam-se — escravidão; todos esses individuos, que seriam a vergonha da propria Turquia, parecem typos muito aceitaveis dos velhos costumes brasileiros, e gozam da vantagem de não offender a susceptibilidade patriótica dos advogados da escravidão. Os que, porém,

desejam vêr o Brazil associar-se ao progresso do nosso seculo; os que sentem estar elle isolado na posição humilhanté em que se acha, — dando o ultimo asylo á escravidão —; os que aspiram sêr cidadãos de uma terra livre, habitada por homens livres, e não dividida entre senhores e escravos: estes são considerados como inimigos da sociedade, e chamem-se Eusebio, Rio Branco ou Pedro II, são sempre apontados como agentes do estrangeiro.

Apezar porém da resistencia geral opposta ao desenvolvimento da idéa Emancipadora, ella nunca deixou de existir no paiz, e de mostrar-se, como um desses clarões que allumiam o horizonte todo, desde a primeira apparição da Independencia. Os herões Pernambucanos que em 1817 ensaiaram a nossa emancipação tiveram em vista, como fundadores de um povo livre, a abolição do trabalho escravo. O patriarcha da Independencia, o velho José Bonifacio, do seo desterro em França, pensando na sorte do paiz que elle havia ajudado á crear, imaginava um systema de Emancipação gradual dos escravos, que fosse o complemento da obra nacional, á qual o seo nome se acha eternamente ligado. Durante toda a nossa vida Constitucional a tradição Abolicionista perpetuou-se no Parlamento, e nos nossos Annaes pôde-se acompanhar o vestigio da revolta constante da parte mais nobre e elevada da consciencia Brasileira contra a ignominia de uma instituição, que é a violação de todas as leis moraes e sociaes do mundo moderno.

Todas estas manifestações foram porém tentativas isoladas e individuaes até ao dia em que, inesperadamente, o governo, aliás á braços com uma guerra estrangeira, decidio-se á tomar a iniciativa na reforma do elemento servil. O annuncio de um tal commettimento, para o qual a opinião não se achava preparada, não podia deixar de ter

uma repercussão immensa no paiz, violentamente acordado da insensibilidade moral á que o havia até então reduzido a philosophia dos usufructuarios do trafico. Acto de uma vontade que visivelmente não era a resultante do pensamento geral; iniciativa espontanea dos poderes publicos em opposição com interesses que querem ficar estacionarios, a reforma do elemento servil correspondia entretanto, por tal fórma, aos sentimentos mais elevados da communhão brasileira, que tornou-se logo a aspiração dos seus elementos dirigentes. Foi assim que, tendo cahido do poder o partido liberal, em cujo seio aliás formou-se grande opposição ao movimento, nem por isso o compromisso, representado pelas palavras proferidas do alto do throno, deixou de ser honrado e cumprido pelo Visconde do Rio Branco, cabendo a este a gloria de realizar a lei de 28 de Setembro de 1871, desde a qual ninguem mais nasce escravo no Brazil.

O facto de ter sido o partido, que é em toda parte o representante natural da grande propriedade privilegiada, do monopolio da terra e do feodalismo agricola, o autor do grande acto legislativo que paralysoou a escravidão, mostra por si só que, no momento em que o paiz puder de todo abolil-a, ella não achará até mesmo entre os seus melhores alliados senão desertores.

A lei de 28 de Setembro porém foi uma lei conservadora, que respeitou o interesse dos senhores supersticiosamente; que lhes garantio a propriedade dos seus escravos até á completa extincção do ultimo; que não modificou o que é praticamente o direito de vida e morte do senhor; que, vinculando as gerações presentes á um captiveiro só limitado pela morte, sujeitou as futuras durante vinte e um annos á um dominio tambem irresponsavel e á um embrutecimento

systematico, dando assim á escravidão um periodo legal de tres quartos de seculo para desaparecer no meio das mais terriveis complicações.

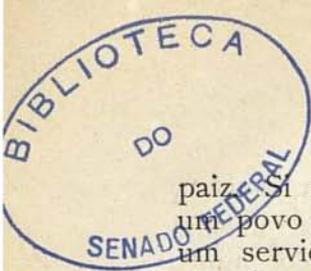
Nas condições em que se achava o paiz quando foi desferido o golpe, este não poderia talvez ser mais profundo. Não podia o governo exigir dos representantes dos interesses conservadores que elles se rendessem á primeira investida. Entretanto era claro que aquella medida, toda de futuro, não podia ser o fim, mas tão sómente o começo da emancipação promettida; que não era um tratado de paz com escravidão, mas a declaração de guerra. Annunciado entretanto como lei de Emancipação, o Acto de 28 de Setembro de 1871 fez crer fóra do paiz que o Brazil havia corajosamente libertado o milhão e meio de escravos que ainda possuia.

Infelizmente porém a Camara dos Deputados acaba por um voto solemne de desfazer a illusão do mundo inteiro. Não só a escravidão não foi abolida, como não se quer abolil-a, e ainda mais se a colloca acima da lei. Ella tem o privilegio de ser superior á Constituição. A liberdade, a franqueza, a publicidãde dos debates do Parlamento são interesses muito insignificantes ao lado della: os actuaes escravos, um milhão e meio de homens! só devem ter esperança na morte, e quanto antes melhor. O Parlamento não os enxerga. Pairando nas alturas, elle só vê, na extensão do paiz, a casa do senhor, não descobre a senzala dos escravos. A escravidão deixou de ser um problema, a Emancipação uma reforma. *O governo não cogita* de uma nem de outra. Nas cachoeiras que vamos atravessando não é preciso que haja homem ao leme. A situação liberal torna-se depositaria da escravidão, e promette entregar o deposito, intacto, com as mesmas lagrimas e os mesmos soffrimentos que fazem a sua riqueza.

Será porém este o alcance definitivo da votação nominal do dia 30 de Agosto de 1880? Não: esse voto ha de ser modificado na proxima sessão; as portas do Parlamento hão de se abrir de par em par para ella, si o partido liberal quizer ser alguma cousa mais do que o cliente submisso da grande propriedade rural, o agente dos interesses do territorialismo estacionario, que é a fórma verdadeira da constituição social para o partido escravista. Orgão cuja função principal deve ser o desenvolvimento e a realização das aspirações modernas e civilisadoras existentes na parte mais intellectual e progressiva da nação, o partido liberal não póde ser a negação systematica de todo liberalismo, o inimigo officioso e offerecido da Emancipação.

Durante muitos annos com effeito nenhuma reforma terá a importancia dessa. Herança do passado a escravidão é a chaga ainda aberta da velha colonisação Portuguesa. A Australia, que era um ninho de convictos, eliminou no progresso do seo desenvolvimento esse elemento primitivo, e tornou-se, de um presidio que foi, um grande paiz. O Brazil precisa tambem de eliminar o seo primeiro elemento constitutivo, — o escravo. Elle quer ser uma grande nação, e não como o quem, uma grande senzala.

Emquanto uma nação só progride pelo trabalho forçado de uma casta posta fóra da lei, ella é apenas um ensaio de Estado independente e autonomo. Emquanto uma raça só pode desenvolver-se em qualquer latITUDE, fazendo outra trabalhar para sustental-a, a experiencia da acclimação mesmo dessa raça está ainda por fazer. Aos olhos dos Brasileiros tradicionaes, o Brazil sem escravos succumbiria logo: pois bem, esta experiencia mesmo tem mais valor do que a vida que só se consegue manter pelo enfraquecimento do character nacional e pela humilhação geral do



paiz. Si a abolição fosse o suicidio, ainda assim um povo incapaz de subsistir por si mesmo faria um serviço á humanidade, tendo a coragem de abandonar a outros, mais fortes, mais robustos e mais validos, a incomparavel herança de terra que elle não soubesse cultivar e onde não podesse manter-se.

Mas não. Em vez de ser o suicidio, o acto de providencia tanto quanto de justiça, que puzesse termo á escravidão, despertaria no character nacional faculdades inertes e abriria para a nação, em vez da paralytia vegetativa á que ella está sujeita, uma epoca de movimento e de trabalho livre, que seria o verdadeiro periodo da sua constituição definitiva e da sua completa independencia.

Não ha com effeito no immenso territorio do Imperio senão tristes e lamentaveis testemunhos da acção nociva e fatal do trabalho forçado. A escravidão domestica leva a immoralidade á todas as relações da familia; impede a educação dos filhos; barbarisa a mulher; familiarisa o homem com a tyrannia do senhor que elle exerce desde menino; divorcia-o do trabalho que parece-lhe logo uma occupação servil; mistura a religião com as superstições mais grosseiras; reduz a moral á uma convenção de casta; introduz no character elementos inferiores, contrarios a tudo o que faz o homem corajoso, verdadeiro e nobre; imprime nos que não reagem contra ella todos os caracteristicos que distinguem o povo educado entre a escravidão do povo educado entre a liberdade. A escravidão real, além de tudo isso, cobre o solo cultivado de um tecido de feodos, onde o senhor é o tyranno de uma pequena nação de homens que não ousam encaral-o; limitados ao cumprimento de certas obrigações invariaveis, sem liberdade para dar ás suas faculdades nenhuma outra applicação; sujeitos á um regimen arbitrario de torturas

oppressivas; sem direito algum de homem, nem mesmo o de fundar uma familia, nem mesmo para as mães o de amamentarem os seus filhos, verdadeiros animaes agricolas ou domesticos, alimentados no vicio e criados na degradação.

A nação que, no nosso seculo, tolerasse indifferente esse regimen tão immoral como barbaro, seria uma nação condemnada. Nós Brasileiros não queremos fechar por mais tempo os olhos á essa monstruosa mutilação do homem, á essa supressão systematica da natureza humana em um milhão e meio dos nossos compatriotas de outra raça. O Brasil pode viver sem ser pela exploração sem misericordia e sem equidade do homem pelo homem. Elle não é um povo que esteja usurpando o logar que outra raça occuparia com maior proveito para o Continente Americano. A escravidão tem sido para elle tão sómente uma causa de atrazo; ella é uma arvore cujas raizes esterilizam sempre o solo physico e moral onde se estendem.

Nada offende tanto o patriotismo dos mantenedores da escravidão do que o appellar-se para a opinião do mundo. Ninguem o pode fazer sem ser accusado de ligações com a Inglaterra. Ainda não lhe perdoaram ter acabado com o trafico! Digam porém o que quizerem, o Brazil não quer ser uma nação moralmente só; o leproso lançado fóra do acampamento do Mundo

A estima e o respeito das nações estrangeiras são para nós tão apreciaveis como para os outros povos. Na pontualidade com que saldamos os nossos compromissos externos ha alguma coisa mais do que a habilidade que paga hoje para pedir mais amanhã: ha o respeito de nós mesmos. E' que a nossa honra commercial é igual á das outras nações. Este respeito não se limita ao pagamento das nossas dividas de dinheiro. Quando a nossa dignidade nacional foi offendida, chegamos

até ao extremo do sacrificio para desaggraval-a. E' que a nossa honra militar é igual á das outras nações. Quando um Brasileiro leva o nosso nome á Europa; quando a protecção concedida aos sabios Europeos mostra a nossa cultura intellectual; quando nas nossas relações exteriores apparecemos como um paiz adiantado, generoso e liberal, o nosso amor proprio se satisfaz e se estimula.

Pois bem, pode uma nação assim, intelligente, sensivel e cheia de incentivos proprios, assistir indifferente ao atrazo revoltante em que a escravidão a mantem em relação ao mundo inteiro? Si amanhã a Europa e a America se reunissem para declarar a escravidão uma pirataria sujeita, como a pirataria dos mares, ao direito das gentes, seriamos o unico paiz que havia de negar a sua assignatura á esse protocolo. O Brazil, nação Americana e moderna, feito o ultimo defensor do direito barbaro de captivar, deshonar e mutilar os vencidos! Nunca!

A idéa de que podemos viver em communição com o mundo, ficando todavia indifferentes ao bloqueio moral feito em torno de nós, não é mais compativel com o amor proprio nacional. O mundo não tem culpa de ter caminhado tanto e por tal modo que nós não inspiremos compaixão, comparando-nos ao que os Estados-Unidos eram ha vinte annos. Não temos direito algum de reclamar por ter a civilisação andado tão de pressa que ella unanimemente qualifica hoje de crime o que era, não ha muito, a constituição geral dos Estados coloniaes. A moral social não ha de esperar por nós para tornar-se o direito publico de todos os povos. Isolar-se é condemnar-se. Encerrarmo-nos no respeito que nos inspiramos uns aos outros dentro do nosso territorio, sem darmos fé sequer da consciencia humana que escarnece do nosso convencionalismo, não é o

sentimento do paiz. O seo orgulho fal-o aspirar á solidariedade, á collaboração na obra do mundo moderno. Elle quer comparecer perante a historia; ter o direito de levantar a cabeça neste continente; não ser em relação á dignidade humana nem um sceptico nem um cynico. Elle é sensivel ao ultrage de ser um paiz de escravos, e quer, e ha de pôr termo á essa tristeza nacional por um acto de sacrificio, de reparação e de justiça, e não deixando a escravidão na posse indisputada do seo ultimo milhão de victimas.

Ao passo porém que a abolição lucha com preconceitos de ordem inferior, ella encontra um serio obstaculo na união dos bons elementos tradicionaes do paiz com os inimigos systematicos do seo progresso.

Com effeito a escravidão entre os seus inconvenientes sociaes tem o de criar uma falsa solidariedade entre todos os senhores de escravos, bons e máos, humanos e crueis. Homens que são os amigos dos seos escravos, os protectores dos filhos livres das suas escravas, fazem causa commum com outros que são os verdugos dos seos semelhantes, e com os mais infames traficantes de carne humana que a America tem visto. A escravidão crêa um monstruoso espirito de classe entre os proprietarios. O fazendeiro que administra as suas plantações de um modo intelligente e humano, que attende ás necessidades moraes da escravatura, que é o soberano bemfazejo de uma pequena população resignada á sua triste sorte; cuja mulher e cujas filhas tratam aos escravos como a pobres, necessitados e infelizes; esse associa-se voluntariamente com outros, que, considerando o escravo um mero instrumento de trabalho, um numero de serviço, e abstraindo de ser elle um homem, o compram á preço elevado, sujeitam-no a um trabalho que quanto antes os

livre do risco de perder o capital empregado, e entregam-no ao captivo illimitado e á disciplina deshumana que o extenuam. E ainda mais, respeitaveis senhores territoriaes consentem, contra a Emancipação, em alliar-se aos traficantes das cidades e do interior sobre cuja fronte tem cahido o sangue de muitas victimas sem que uma gotta se quer lhes tocasse a consciencia.

Contra uma tão formidavel colligação seria inutil lutar, si toda ella não representasse tão sómente uma ordem de coisas ferida no coração, e um regimen condemnado aos seus proprios olhos. Desmoralisada como está a escravidão, não tarda muito que o paiz rejeite essa odiosa muleta.

Até lá, porém, é preciso que luctemos com firmeza. Foi para isso que fundou-se a *Sociedade Brasileira Contra a Escravidão*.

Nenhuns socios serão melhor acolhidos por nós do que os proprietarios agricolas, que nobre e corajosamente quizerem encarar a Emancipação como uma solução proxima e inevitavel, e que, em vez de opporem-se á ella, se prestarem a auxiliá-la e dirigil-a. O futuro dos escravos depende em grande parte dos seus senhores; a nossa propaganda não póde por consequencia tender a crear entre senhores e escravos senão sentimentos de benevolencia e de solidariedade. Os que por motivo della sujeitarem os seus escravos á tratos peiores, são homens que têm em si mesmos a possibilidade de serem barbaros e não têm a de serem justos. Não são os escravos que hão de recorrer ao crime, quando legal e pacificamente se buscam os meios de extinguir o seo captivo. Os sentimentos do escravo pelo senhor são superiores, como dedicação, desinteresse, lealdade, resignação aos do senhor pela sua *propriedade*. A escravidão não conseguiu até hoje crear o odio de raça, e, quando o senhor é justo, o escravo compensa-lhe com

excesso o que delle recebe como atenuação de captivo. Não é possível que uma obra pacifica de esclarecimento da opinião, de aceleração da vontade nacional, com a qual a humanidade toda sympathisa, seja impedida por aquelles mesmos que ella vae beneficiar.

O que nós temos em vista porém, não é só a libertação do escravo, é a libertação do paiz; é a evolução do trabalho livre que se ha de fazer sob a responsabilidade da geração actual. Não queremos desconhecer nenhuma das nossas obrigações, repudiar nenhum dos nossos deveres.

A' grande maioria do paiz pertence impôr á pequena minoria dos interessados na escravidão o seo *ultimatum*, á um tempo equitativo e inflexivel. Um governo forte e nacional poderia sem receio abandonar a posição, commoda mas ingloria, da indifferença, e chamar a si a direcção do movimento; o paiz inteiro o acompanharia com enthusiasmo. O gabinete Saraiva infelizmente não aspira á tanto: elle quer ser um episodio commum da nossa historia politica, e não um acontecimento na nossa historia social.

E' por isso que pertence aos elementos extra-officiaes dos nossos partidos o papel que estão assumindo. Esta Sociedade, por exemplo, abrange á todos; está aberta não só aos homens de Estado que possam comprehender o plano e os detalhes de uma obra gigantesca de renovação social, como tambem aos homens obscuros do povo que só possam odiar a escravidão com o instincto de homens livres.

Ao Imperador nós dizemos que ha um milhão e meio dos seus subditos que estão fóra da lei, que têm uma sorte para a qual não se acharia parallelo no mundo civilisado, porque os proletarios estrangeiros pelo menos podem emigrar, e, si não, defendem a sua vida, os seus direitos, a honra

das suas familias como qualquer outro homem. Dizemos ainda que o seu longo reinado está pedindo uma gloriosa coroação, e que esta não póde ser senão a Emancipação dos escravos. Lembre-se o Imperador de que a dous respeitos, sem os querer comparar, somos uma excepção neste continente: temos a escravidão como organização social e a monarchia como organização politica, e de que o meio de tornar a monarchia um poder popular na America é dar-lhe a missão que já lhe coube na Europa: de destruidora dos privilegios feodaes e de libertadora dos servos da gleba.

Aos nossos partidos constitucionaes dizemos que elles não podem ser os caudatarios, ou resignados ou entusiastas, de uma instituição decrepita, banida do mundo inteiro; que o partido conservador deve ver no movimento Abolicionista o resultado da sua obra, a repercussão da sua iniciativa, e que o partido liberal mente á sua propria razão de ser, ao nome que assumio, á posição que occupa, pondo-se ao serviço da escravidão.

Ao partido republicano dizemos que a causa da republica é prematura ao lado da causa da Emancipação; que o scepticismo que levou muitos, dos mais puros e como se provou dos mais verdadeiros liberaes, a abandonarem a organização esterilizada do seu partido, não seria justificado em relação á um movimento tão convencido, tão fecundo, e tão sincero como o da Abolição; que é tempo de todos, os que aspiram á fundação de um paiz livre, unirem-se em torno de uma bandeira commum, que é a da libertação do solo.

A' mocidade dizemos: filhos de senhores de escravos, habituai-vos a não contar com a riqueza que tem o homem por objecto; desprezai as possibilidades de uma propriedade que vos obrigaria a

comprar e a vender entes humanos; repudiái a solidariedade com um passado que se está arrastando além da sua duração natural; não queiraes associar-vos ás barricadas que os escravistas levantam no caminho da Emancipação. O homem não é livre nem quando é escravo, nem quando é senhor: vós deveis ser homens livres. Contemporaneos futuros do trabalho livre, alistai-vos entre os inimigos irreconciliaveis do trabalho escravo: tereis assim augmentado a utilidade da vossa vida, tornando maior o espaço em que como Brasileiros não sentireis a humilhação de verdes imposta á vossa patria a servidão humilhante que a opprime.

Aos senhores de escravos por fim nós dizemos, a lei pode proceder comvosco de dois modos: protegendo-vos ou responsabilizando-vos. Podeis escolher. A escravidão, da qual sois os ultimos representantes no mundo civilizado, pode ser extinta de um dia para outro sem que o Estado vos deva compensação alguma. Elle pode porém não querer emancipar uma raça inteira sem olhar para os vossos interesses individuaes. Depende de vós obter essa compensação á titulo de equidade, e conseguir que o Estado vos trate como amigos e homens de boa fé. Si oppuzerdes porém, como um partido de guerra e de combate, o vosso *non possumus* á cada reforma; si impedirdes que no presente se tomem medidas que no futuro facilitariam a liquidação dos vossos titulos legaes sem prejuizo dos vossos interesses; si constituirdes uma barreira insuperavel diante de cada idéa Emancipadora, e recuardes espavoridos diante de cada medida; então a culpa será sómente vossa, quando a lei, depois de tantas tentativas frustradas, tiver de proceder comvosco, como Lincoln para com os proprietarios do Sul da União que elle quiz salvar até a ultima, como um poder beligerante e rival.

Lembrem-se de que é falso que a immensa escravatura do paiz seja toda possuida legalmente; a matricula, mesmo, feita com visivel má fé, denunciaria por si só a violação da lei de 7 de Outubro de 1831. Depois da prohibição do trafico, a escravatura do paiz foi ainda renovada por meio d'elle. Innumerous Africanos estão empregados na lavoura, que foram criminosamente importados, e os filhos desses escravizados constituem a nova geração dos escravos. Nem mesmo a desculpa de que a escravidão é uma propriedade legal existe em favor della: ella é pelo contrario illegal e criminosa em uma escala tão grande que a simples revisão dos titulos da propriedade escrava bastaria para extinguil-a.

O partido numeroso dos que não querem caminhar comprehende diversos matizes. Nenhum delles porém é ao mesmo tempo tão cynico e tão hypocrita como o dos que ousam chamar-se *emancipadores* ao passo que nada querem fazer, e que rejeitam todas as medidas quer directas quer indirectas. Para estes o paiz ainda não está preparado para a emancipação e o escravo não deve ser atirado na sociedade, como uma fera que é, sem estar domesticado. Emquanto dizem isto, porém, nenhuma medida os aterram tanto como as que tem por fim dar uma esperança ainda que fugitiva ao escravo, incutir nelle a aspiração de ser legalmente livre um dia e preparal-o para a liberdade.

Os perigos de uma agitação são grandes, mas provêm sobretudo da resistencia intransigente opposta ás reformas necessarias pela minoria dos interessados, a qual infelizmente suffoca a maioria, como representante legitima que é do espirito da instituição. Inspirem-se porém os proprietarios agricolas na idéa Emancipadora, e cada Brasileiro aceitará a sua quota parte de sacrificio na cessação forçada da humilhante instituição que deve acabar nelles.

Contem só consigo, e ponham do seu lado pela coragem da sua iniciativa e da sua decisão em vez dos falsos amigos que os estimulam á resistencia, mas que serão os primeiros a abandonar-os, a satisfação da sua propria consciencia, o amor dos seus escravos, e a gratidão do paiz inteiro.

Não se enganem os nossos inimigos: nós representamos o direito moderno. A cada victoria nossa, o mundo estremecerá de alegria; á cada victoria delles, o paiz soffrerá uma nova humilhação. O Brazil seria o ultimo dos paizes do mundo, si, tendo a escravidão, não tivesse tambem um partido Abolicionista: seria a prova de que a consciencia moral ainda não havia despontado nelle. O que fazemos hoje é no interesse do seu progresso, do seu credito, da sua unidade moral e nacional.

Levantando um grito de guerra contra a escravidão; appellando para o trabalho livre; condemnando a fabrica levantada a tanto custo sobre a suppressão da dignidade, do estimulo, da liberdade nas classes operarias; próclamando que nenhum homem pode ser propriedade de outro, e que nenhuma nação pode elevar-se impunemente sobre as lagrimas e os soffrimentos da raça que a sustentou com o melhor do seu sangue e das suas forças; nós mostramos que somos sómente dignos de pertencer ao paiz livre que quizeramos ver fundado.

Ha muitos annos que foi collocada a primeira pedra do grande edificio, mas nós chegamos ainda á tempo de lançar os nossos obscuros nomes nos alicerces de uma nova patria.

ERRATA.

Á pagina 7 lêa-se, depois da phrase: « Não: esse voto há de ser modificado na proxima sessão », a seguinte, que foi supprimida: « a palavra não há de mais ser negada a nenhum partidario da idéa abolicionista; as portas do Parlamento... »

Á pagina 15, em vez de *servidão humilhante*: *servidão revoltante*.

Typ. de G. Leuzinger & Filhos, Ouvidor 31

challong

(34)

10065

02/04-C35

